



## Citação, destacabilidade e aforização no texto imagético?<sup>1</sup>

Roberto Leiser Baronas (UFSCar-CNPq)\*  
Samuel Ponsoni (UFSCar-Fapesp)\*

**RESUMO:** Neste texto, faremos uma discussão de fundo epistemológico, procurando compreender como a mídia dá a ler determinados acontecimentos históricos da política brasileira por meio de textos imagéticos. Como corpora, elegem-se fotografias de atores políticos que circularam no jornal Folha de S. Paulo, durante o segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2010. A discussão assenta-se nos trabalhos de Dominique Maingueneau acerca de citação, destacabilidade e aforização. Nossa questão de fundo é pensar, por um lado, como se dá o processo de citação, destacabilidade e aforização do texto imagético na mídia impressa e digital e, por outro, em que medida esse trabalho de recorte do imagético interfere na interpretação do acontecimento histórico posto em narrativa, fornecendo ao leitor uma espécie de percurso deontológico de interpretação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso, texto imagético, citação, destacabilidade, aforização

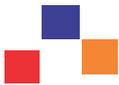
### Quotation, detachment and aforization in pictorial texts?

**ABSTRACT:** In this article, we will undertake a discussion with an epistemological background trying to comprehend how the media offers to read certain historical events in Brazilian politics through pictorial texts. As corpora we elected political actor's photographs that circulated in Folha de S. Paulo newspaper during the second round of the 2010 Brazilian presidential elections. Our discussion is firmly seated in Dominique Maingueneau's work (2006, 2008 and 2010) about quotation, detachment and aforization. Our bottom question is to think on one hand, how the process of citation, detachment and of aforization works in pictorial text inside printed and digital media, and on the other hand, in which manner these cuts of the pictorial texts interferes in the interpretation of the historical event, that is put into narrative, providing the reader a kind deontic journey of interpretation.

**KEYWORDS:** Discourse, pictorial text, quotation, detachment, aforization.

---

<sup>1</sup> Uma versão bastante modificada deste texto foi objeto de comunicação oral durante o *I Ateliê de Estudos Discursivos da UFMT*, realizado no período de 19 a 20 de agosto de 2011 no Campus da Universidade Federal de Mato Grosso em Cuiabá – MT.



## Primeiras palavras

A Análise de Discurso de orientação francesa tem se notabilizado, ao longo de suas mais de quatro décadas de existência, principalmente no interior da ciência das humanidades, como um poderoso dispositivo de leitura fundado sobre uma teoria do discurso<sup>2</sup>. Na sua fase de constituição, na geografia francesa do final dos anos sessenta do século passado<sup>3</sup>, privilegiou o discurso político. Depois, no final dos anos setenta e início dos anos oitenta, reconhecendo que não se pode compreender o discurso sem se levar em consideração os traços do interdiscurso, em que a presença/ausência e a irrupção do Outro discursivo são marcadamente constitutivas da fundamentação dos discursos e que os instam a dizer, passou a tomar como objeto de leitura distintas materialidades discursivas<sup>4</sup>. Atualmente, em virtude de uma mudança no regime das materialidades dos discursos<sup>5</sup>, a Análise de Discurso passou a privilegiar também a leitura de objetos multissemióticos. É justamente a leitura discursiva de objetos multissemióticos que faremos neste texto. Cumpre dizer que essa leitura está fortemente ancorada nas proposições de Dominique Maingueneau (2006; 2008; 2010a e 2010b) acerca da citação, da destacabilidade e da aforização. É preciso considerar também que este autor, ao elaborar tais categorias conceituais, não o fez a partir da análise de corpora multissemióticos. Suas reflexões irromperam a partir da análise de objetos eminentemente verbais, tais como slogans, provérbios, máximas, adágios jurídicos, fórmulas

<sup>2</sup> Uma das características mais marcantes do dispositivo teórico metodológico da Análise do Discurso é que esse dispositivo está o tempo todo revendo os seus pressupostos teóricos e também os seus procedimentos de análise.

<sup>3</sup> A Análise do Discurso irrompe na geografia francesa em 1969 com a publicação do livro *Analyse Automatique du Discours – AAD-69*. Esse livro, segundo Niels Helsloot et Tony Hak (2001, p. 15), “s’appuie sur une critique des formes traditionnelles d’analyse de contenu et d’analyse de texte. Ces analyses présupposent un sujet (l’analyste ou les « codeurs ») apte à « lire » le sens d’un texte. Pêcheux veut justement éviter de s’en remettre au sujet lecteur puisqu’il en résulte inévitablement une lecture idéologique. On doit cependant reconnaître que les analystes de contenu se préoccupaient eux aussi du rôle de l’intuition dans l’analyse.”

<sup>4</sup> No entendimento de Pêcheux (1983, p. 54), “il ne s’agit pas d’une lecture plurielle [...] où un sujet jouerait à multiplier des points de vues pour mieux s’y reconnaître. C’est une lecture où un corpus stratifié et hétérogène est articulé en profondeur et où, en fonction de cette lecture, sa structure même se modifie. Il s’agit d’une sorte de lecture ou le sujet qui lit sera responsable du sens qui se déchiffre et il en sera en même temps dépossédé. L’interprétation suit alors les traces de l’interdiscours qui, en tant que telles, sont préconstruites et parcourues”.

<sup>5</sup> No entendimento de Jean-Jacques Courtine (1999, p. 12), “não se faz a mesma Análise do Discurso político, quando a comunicação política consiste em comícios reunindo uma multidão em torno de um orador e quando toma a forma de *talk-shows* televisivos aos quais cada um assiste em casa. Também não se faz a mesma Análise do Discurso independentemente dos preconceitos, das compartimentalizações sociais e ideológicas, das polêmicas antigas ou recentes; tudo isso exerce suas restrições sobre o discurso das ciências humanas, na escolha de seus temas, na definição dos objetivos, na produção de recortes formais [e na (re)criação de categorias conceituais]”.



etc. Em outros termos, vamos nos apoiar nas propostas de Dominique Maingueneau para tratar discursivamente de fotografias de atores políticos que circularam no jornal Folha de S. Paulo durante o segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2010. Todavia, para a empresa deste texto, existe a necessidade de um deslocamento pela natureza do objeto pretenso à análise. Portanto, nosso propósito é tentar deslocar epistemologicamente as categorias de citação, de destacabilidade e de aforização para dar conta de objetos distintos dos quais Maingueneau frequentou, algo que, como dissemos em linhas anteriores, se coaduna ao próprio espírito teórico da Análise do Discurso.

## Tratamento de *corpus* multissemiótico pelo arcabouço teórico-metodológico de Dominique Maingueneau

Tratar discursivamente de objetos multissemióticos e/ou estritamente imagéticos não se constitui como algo necessariamente estranho ao arcabouço teórico metodológico proposto por Dominique Maingueneau. Em *Gênese dos Discursos* (1984 tradução brasileira de 2005), uma de suas primeiras incursões epistemológicas de fôlego no domínio do discurso, o autor francês, com base na análise dos discursos religiosos das doutrinas dos jansenistas e dos humanistas devotos, postula, de um lado, a existência de uma semântica global que rege os múltiplos planos do discurso e, de outro lado, entende que estes planos discursivos devem ser tratados enquanto prática discursiva, posto que, independentemente do domínio semiótico no qual se inscreve, não está livre da circunscrição de uma determinada Formação Discursiva. O linguista francês realiza uma vigorosa análise dos quadros *Peregrinos de Emaús* e *A Ceia de Emaús* dos pintores Ticiano e Philippe de Champaigne, respectivamente. Ambas as obras derivam sua representação da mesma passagem bíblica, qual seja, a passagem de Cristo em Emaús.



Figura 1: *Peregrinos de Emaús*, de Ticiano, 1535<sup>6</sup>



Figura 2: *A Ceia de Emaús*, de Philippe de Champaigne, 1636<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Museu do Louvre – Paris – França.

<sup>7</sup> Museu de Nantes – França.



O primeiro quadro de autoria do pintor italiano renascentista Ticiano, datado provavelmente de 1535, é compreendido por Maingueneau como pertencente ao universo semântico dos humanistas devotos. O segundo, por seu turno, pintado a partir do primeiro por Philippe de Champaigne, provavelmente em 1636, portanto mais de um século depois, pertence, no entendimento do teórico francês, ao universo semântico jansenista. Para formular tais hipóteses de pertencimento discursivo, Maingueneau, com base na compreensão de que tais quadros sofrem por meio da Formação Discursiva as mesmas restrições de sentido que as outras produções verbais, descreve/interpreta/compreende minuciosamente o funcionamento discursivo dos elementos icônicos presentes nas duas telas. Nesse sentido, o linguista procurou, primeiramente, definir a estrutura do sistema semântico de composição de ambas as obras.

Dessa maneira, a obra jansenista teria um intuito pedagógico e estritamente instrutivo para os homens, retratando, assim, as passagens dos textos bíblicos como elas foram efetivamente descritas. Em contrapartida, nas pinturas do humanismo devoto, há elementos composicionais alinhavados à mistura entre o divino e o mundano, com diversos planos e paisagens, mas sempre respeitando certa hierarquia, tanto social quanto religiosa. Com efeito, a análise foi composta de dois objetivos: determinar se os espaços discursivos criados para os enunciados podem e são pertinentes também a outros textos (entendido aqui e por Maingueneau num sentido mais amplo), como, por exemplo, as pinturas em questão, e se as obras são convergentes e conexas com as regras de interincompreensão, mobilizadas no capítulo quatro de Gênese dos discursos e postuladas como uma das formas de restrição e manifestação interdiscursiva. Ou seja, as restrições semânticas dos jansenistas teriam “traduzido” na representação pictórica, sob suas próprias categorias interpretativas, as identidades não aceitáveis que recobrem os sentidos do discurso Outro, no caso o seu Outro, qual seja, o discurso humanista devoto. Então, a existência de elementos mundanos, a presença de não cristãos, a reluzente luminosidade contribuindo para ressaltar tanto a verticalidade quanto a horizontalidade do quadro, a colocação de símbolos no espaço arquitetônico e diversos objetos sobre a mesa, os animais, enfim, toda identificação semântica ligada com um traço semântico de /Mistura/ faz existir uma incompatibilidade entre as obras do humanismo devoto e as do jansenismo, tanto nos enunciados como em outros textos.

A Formação Discursiva do jansenismo não permitiria retratar elementos fora do alcance dos enunciados bíblicos, sobretudo em se tratando de retirar o foco da imagem de Cristo manuseando a hóstia – algo da ordem semântica da /Concentração/ – ou, ainda, que fosse possível



misturar elementos e concorrer com Cristo no mesmo acontecimento, deixando subentendidas outras interpretações e refrações de sentido fora da figura messiânica. Ao existir essa imposição da centralidade em torno do divino, regulada por marcas circulares presente no quadro jansenista, cria-se um caminho de orientação de sentido a seguir, excluindo em grande parte, para o fiel à doutrina, outras possibilidades de olhares significantes.

No quadro de Ticiano, entretanto, tributado à prática discursiva do humanismo devoto, embora existam certas hierarquias e concentrações nas ações de Cristo, é possível fazer outras abordagens de interpretação, até pela mistura e presença de muitos elementos passíveis de análise fora do eixo temático do Messias.

Desse modo, para Maingueneau um dos principais traços semânticos do quadro humanista devoto é o da /Mistura/, em que:

- há a mistura entre mundano e divino;
- mesmo que os olhares estejam dispersos, eles convergem para o Cristo, este a figura em posição central, (mas “não concentrada”) mantendo, assim, coesa as hierarquias social e espiritual: serviços em pé versus hóspedes sentados; cristãos versus não cristãos;
- a pintura está dividida em planos: o inferior com os animais; o de cima com os homens; o de fundo com o mundo celeste. Além disso, a pintura se reflete e refrata tanto com as linhas horizontais quanto com as verticais, estando reluzente todo o quadro, i.e., um quadro colorido e iluminado;
- somente Cristo e o discípulo que faz a oração estão com as cabeças no plano celeste, mas, sobretudo, o Messias, que, além de estar com a cabeça no plano celeste, também é visto próximo à base da coluna, esta a marca de ligação céu-terra e condutora do plano terreno ao plano celeste;
- vários objetos sobre a mesa, mais personagens que a passagem bíblica menciona, inclusive a presença de animais.

Já para a pintura dos jansenistas um dos principais traços semânticos é o da /Concentração/, em que:

- a disposição centralizadora da temática não permite que haja a dispersão dos olhares para fora da figura da hóstia ou do ato de consagração por Cristo. Além disso, as cores claras e escuras tornam apenas o messias iluminado, o divino, e parcialmente o cristão que comunga, e nada mais, para não se retirar a concentração disso, bem como atribuir a esse gesto status de grande importância;
- a mesa em forma circular – a circularidade uma forma-chave de acabamento, de concentração –, a luz que circunda a cabeça de Cristo e a hóstia fundem-se numa única imagem, devido ao contraste escuro-claro do plano de fundo da pintura. Dessa forma, qualquer

elemento fora dessa circularidade verdadeira torna-se secundário, apagado, não presente na luz divina, assim como alude à tríade crucial da base cristã;

- sentados, apenas os cristãos, deixando para a penumbra os não cristãos, no caso a serviçal. Nota-se também a não presença de animais além de poucos objetos sobre a mesa;
- não há outros planos em destaque, somente o plano divino bastante enaltecido pela centralidade da luz sobre a cabeça de Cristo e pela brancura da mesa que é redonda.

Sendo assim, na análise intersemiótica, é preciso levar em consideração então as restrições discursivas dentro de cada Formação Discursiva, o que irá propiciar a apreensão da semântica global regente e gestora dos textos, sob qualquer suporte semiótico, bem como aquilo que pode e deve ser dito e correspondido entre tais manifestações textuais. Portanto, a partir da obra de Ticiano, Maingueneau nos faz perceber a dimensão dialógica da discursividade presente na obra de Philippe de Champaigne e o funcionamento do espaço discursivo jansenista por meio da interincompreensão, filtrando, em simulacros, o discurso do humanismo devoto. Dito de outro modo, existe a transposição de significados entre distintas Formações Discursivas, mas não de qualquer maneira, isto é, ela será marcada pelas restrições que identificam este ou aquele discurso dentro das práticas discursivas, empreendidas em toda sua economia.

Dessa discussão, ressona-nos um questionamento: é possível expandir a análise intersemiótica para o tratamento de *corpora* distintos dos quais Maingueneau frequentou? Para tentar responder a essa questão, mobilizamos duas fotografias que foram publicadas recentemente em diversos jornais do exterior, reproduzidas por jornais brasileiros e que se referem ao acontecimento discursivo ‘invasão americana ao esconderijo de Osama Bin Laden no Paquistão’.



Figura 3: Fotografia veiculada por The Atlantic



Figura 4: Fotografia veiculada por Der Zitung



A primeira fotografia foi publicada inicialmente no *site* do jornal americano **The Atlantic**, em 9 de maio de 2011. Já a segunda, (re)produção da primeira, foi publicada em 10 de maio de 2011 no jornal impresso israelense **Der Tzitung (O Tempo)**. Este último jornal apagou da fotografia inicialmente publicada no **The Atlantic** tanto Hillary Clinton quanto Audrey Tomasen, as únicas mulheres presentes na Sala de Guerra da Casa Branca quando da invasão ao esconderijo de Bin Laden. Para os analistas norte-americanos, tal apagamento se deveu porque no contexto israelense a presença de mulheres em posição de destaque pode ser sexualmente sugestiva.

Numa leitura preliminar dessas duas fotografias, poderíamos dizer que a proposta de Maingueneau acerca da análise intersemiótica dá conta de compreender o funcionamento discursivo de tais objetos, pois as restrições semânticas dos israelitas “traduzem”, sob suas próprias categorias interpretativas, as identidades não aceitáveis que recobrem os sentidos do discurso Outro, no caso seu Outro, qual seja, o discurso americano de igualdade entre os sexos. Assim, a presença de mulheres em posição de destaque, além de toda identificação semântica ligada à igualdade entre os sexos, faz existir uma incompatibilidade entre as fotografias do *site* americano e do jornal israelense, o que justificaria o apagamento das duas únicas mulheres presentes na primeira fotografia. A Formação Discursiva na qual o jornal israelense está inscrito não permitiria retratar elementos fora do alcance dos enunciados socialmente válidos para os próprios israelitas.

No entanto, é preciso considerar que, no caso em questão, não se trata apenas da “tradução” do discurso do Outro (americano) pelas categorias do Mesmo (israelita) e sua relação com esse Outro se dando sempre sob a forma do simulacro que dele é construído, produzindo uma interincompreensão regrada. Neste acontecimento, trata-se, na verdade, de um caso exemplar de aforização, uma vez que o suporte midiático israelense fez um destaque/apagamento da presença feminina na (re)produção da fotografia que deu a circular. Em outros termos, trata-se não de um caso de interincompreensão regrada, como na tradução regrada por filtros do simulacro que Champagne faz de Ticiano, mas de um caso de compreensão regrada em que a (re)produção da fotografia pelo jornal israelense apaga/silencia o que se apresenta como incompatível à sua Formação Discursiva. Nesse sentido, a análise intersemiótica parece muito produtiva para tratar de objetos imagéticos ou multimodais em que o diálogo interdiscursivo se dá sob a forma de simulacro.



## **Citação, destacabilidade e aforização no arcabouço teórico-metodológico de Dominique Maingueneau**

Em Maingueneau (2006; 2008; 2010a), a problemática da citação é tratada de forma bastante diferente tanto da visada bakhtiniana, a qual se inscreve em suas problemáticas da filosofia da linguagem, quanto da abordagem discursiva de Authier-Revuz, em que a compreensão do Outro interdiscursivo que emerge ou se apaga nos fios discursivos dos sujeitos é bastante importante, pois, para esse autor francês, tratar da citação implica notar também a questão da destacabilidade de enunciados. O “destacamento” dos enunciados não se dá somente a partir das sequências “destacadas”, mas sim ao se considerar as condições que permitem que enunciados sejam “destacáveis”.

Ainda no entendimento de Dominique Maingueneau (2010a), poucas pessoas atualmente contestariam a ideia de que o texto constitui a única realidade empírica sobre a qual se debruça o linguista: unidades como a frase ou a palavra são necessariamente retiradas de textos. O texto é, com efeito, no entendimento do pesquisador francês, a contraparte do gênero do discurso, que é o quadro de toda a comunicação pensável. Maingueneau mobiliza o termo “gênero do discurso” para atividades como registrar o nascimento, o debate televisivo, o sermão, entre outros.

Todavia, alguns problemas se põem quando é preciso tratar de enunciados curtos que se apresentam fora do texto, geralmente constituídos de uma única frase. Dominique Maingueneau chama essas pequenas frases de “enunciados destacados”, sendo eles de tipos muito diversos: slogans, máximas, provérbios, títulos de artigos da imprensa, intertítulos, citações célebres etc. Para o estudioso francês, devem-se distinguir duas classes bem diferentes, segundo o seu “destacamento”: a) os constitutivos: trata-se do caso em particular das fórmulas (provérbios, slogans, divisas) que, por sua própria natureza, são independentes de um texto particular; b) os que resultam da extração de um fragmento de texto: neste caso, são os que se encontram em uma lógica de citação.

Essa extração não se exerce de maneira indiferenciada sobre todos os constituintes de um texto, pois, frequentemente, o enunciador sobreassevera alguns de seus fragmentos e os apresenta como destacáveis. A sobreasseveração é uma modulação de enunciação que habilita formalmente um fragmento como candidato a uma destextualização. Trata-se de uma operação de colocação em relevo por relação ao desenvolvimento textual que se efetua com a ajuda de marcadores diversos: de ordem aspectual (genericidade), tipográfica (posição saliente em uma unidade textual), prosódica (insistência), sintática (construção de uma forma pregnante), semântica (recurso aos tropos), lexical (utilização de conectores de reformulação) etc.

No entendimento do teórico do discurso, as divergências entre o enunciado fonte e o enunciado destacado são reveladoras de um estatuto



pragmático específico para os enunciados destacados. Esses últimos revelam, com efeito, um regime de enunciação que Maingueneau propõe chamar “enunciação aforizante”. Entre uma “aforização” e um texto não existe uma diferença de tamanho, de forma, de sistematicidade linguística, mas de ordem enunciativa. O esquema a seguir exemplifica as duas ordens discursivas propostas por Maingueneau

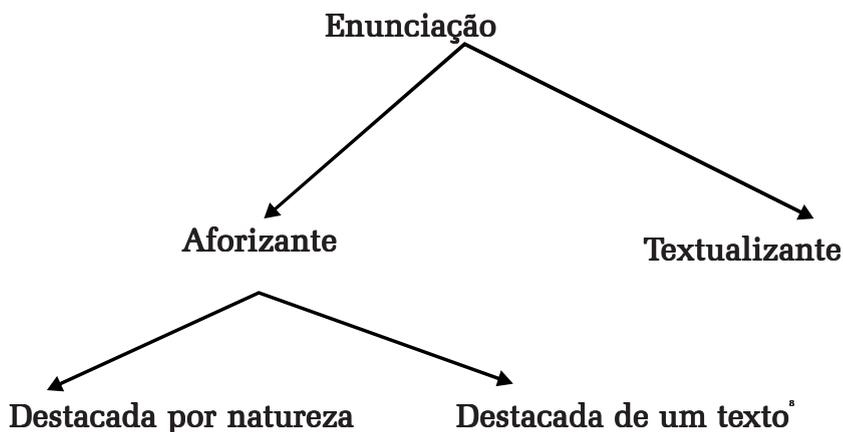


Figura 5: Esquema vetorial das ordens discursivas proposto por Maingueneau

Para Maingueneau, a enunciação se organiza em duas ordens do enunciável: a enunciação textualizante e a enunciação aforizante. Esta última, por sua vez, se organiza em enunciação aforizante destacada por natureza e enunciação aforizante destacada de um texto. No entendimento de Dominique Maingueneau, por meio da aforização, o locutor se coloca além dos limites específicos de um determinado gênero do discurso:

O « aforizador » assume o ethos do locutor que fala do alto, de um indivíduo em contato com uma Fonte transcendente, ele não se endereça a um interlocutor colocado no mesmo plano que ele e que pode responder, mas a um auditório universal. Ele é instado a enunciar a sua verdade, que prescinde de toda a negociação, exprimindo uma totalidade vivida: seja uma doutrina ou uma certa concepção de existência. Por intermédio da aforização vemos coincidir sujeito da enunciação e Sujeito no sentido jurídico e moral: alguém que se coloca como responsável, afirmando valores e princípios diante do mundo, se endereçando a uma comunidade para além dos locutores empíricos que são seus destinatários. (MAINGUENEAU, 2010a, p.14-15)

<sup>8</sup> MAINGUENEAU, 2010a, p.13

Sendo assim, para Maingueneau (2010a), este é o ponto central do problema, “o aforizador não é um locutor, o suporte da enunciação, mas uma consequência do destacamento”, isto é, não se trata apenas de outra instância enunciativa, distinta tanto da do locutor/alocutário quanto da do enunciador/enunciatário. Desse modo, quando se extrai um fragmento de texto para fazer uma aforização, um título de uma matéria na imprensa, por exemplo, converte-se ipso facto seu locutor original em aforizador.

No intuito de deixar um pouco menos abstratos os postulados de Dominique Maingueneau acerca da citação, da destacabilidade e da aforização, tomemos como exemplo a recente polêmica acerca do livro didático *Por uma vida melhor*, de autoria de Heloisa Ramos et. al., destinado aos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no que se referia ao conteúdo de Língua Portuguesa. Aqui, vamos nos deter mais especificamente ao trabalho de destaque realizado pela mídia sobre fragmentos do livro didático, mais especificamente mobilizamos o trabalho realizado pelo Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão em reportagem exibida em maio de 2011. Fizemos tal opção pelo fato de o JN ter se constituído numa espécie de representação metonímica do que circulou na grande mídia brasileira acerca desse acontecimento.

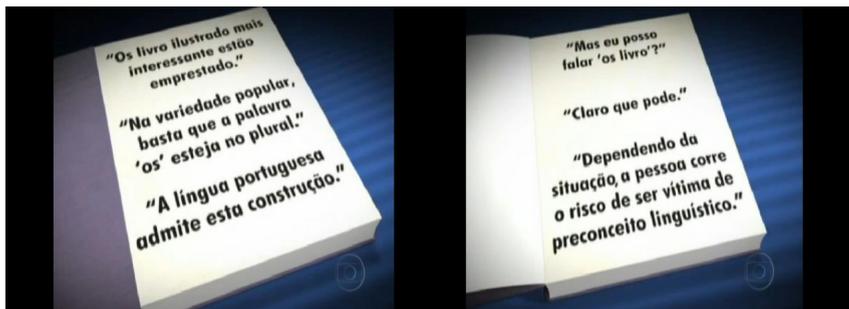


Figura 6: Imagem que circulou no Jornal Nacional para representar o livro *Por uma vida melhor*<sup>9</sup>

Nota-se que o enunciador-jornalista faz o trabalho de destaque em seis enunciados que, retirados de seu cotexto e contexto mais amplo, além de terem sido modificados em relação ao livro, são postos a circular em outro lugar:

<sup>9</sup> Esta imagem foi retirada da reportagem exibida pelo Jornal Nacional. A reportagem completa, aos interessados, encontra-se disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=yxXQi2GjIKc>. Acesso em 29/9/2011



- 1: Os livro ilustrado mais interessante estão em-  
prestado.(igual ao livro p.14);
- 2: Na variedade popular, basta que (os) esse primeiro  
termo esteja no plural para indicar mais de um referen-  
te. (diferente ao livro p.15);
- 3: A língua portuguesa admite essa construção(criado  
pela reportagem);
- 4: Mas eu posso falar “os livro?”(igual ao livro p.15);
- 5: Claro que pode. (igual ao livro p.15);
- 6: Mas fique atento porque, dependendo da situação,  
você (a pessoa) corre o risco de ser vítima de preconcei-  
to linguístico (diferente ao livro p.15).<sup>10</sup>

Esses enunciados passam a figurar em primeiro plano, em um livro virtual criado computacionalmente, em que o restante do texto é apagado, permanecendo apenas os elementos destacados. Dessa forma, constitui-se um trabalho de aforização, pois nem todos os leitores do JN terão ou tiveram acesso prévio ao conteúdo total do livro. Mais ainda, o que está destacado nos itens 2 e 3 de nosso exemplo não existe, respectivamente, integralmente no material didático *Por uma vida melhor*. Os enunciados não estão lá, como comprova uma busca simples pelo texto do livro. Ademais, em 2, o pronome pessoal “você” é substituído por “a pessoa”; neste caso, retira-se qualquer marca dêitica que aproxime do trabalho textual completo, algo a parecer estritamente referido a um dado termo anterior, fazendo uma referência de retomada ou a substituição de um termo já existente. Com efeito, esse movimento de trajeto interpretativo parece inferir que o livro generaliza o uso de uma suposta “forma errada do português”, autorizando essa competência específica não mais num determinado contexto, mas a todas as pessoas que recebem tal texto, em indiferentes tempos e contextos. Em 3, não há em nenhum lugar do capítulo do livro em si a afirmação de que a língua portuguesa admite tal construção, o que marca ainda mais o ato de aforização na edição jornalística.

Assim, esse trajeto interpretativo demonstra que não há apenas o trabalho de citação, como no caso dos outros exemplos (1, 2, 4, 5, 6), em que os enunciados citados são colocados a circular em outros espaço e podem ganhar alguma marca de distanciamento, como, por exemplo, aspas, uma oração intercalada introduzida por um verbo dicendi mais “que”. Há, sim, nesse caso do livro *Por uma vida melhor*, o trabalho de

---

<sup>10</sup> Esses enunciados foram transcritos da reportagem do *Jornal Nacional*. As páginas e os comentários que estão entre parênteses foram inseridos por nós ao compararmos o que se diz na reportagem e o que está de fato no material **Por uma vida melhor**.



aforização que corrobora com o percurso deôntico interpretativo numa dada direção de sentido, qual seja, jogar as asseverações do posicionamento do editorial jornalístico para a responsabilidade da autoria do livro e o quem mantém em seus auspícios.

Ainda que isso possa ser dito também em outros casos de citação, quando o enunciador marca seu distanciamento de alguma maneira, no caso da aforização, existe apagamento de elementos para a compreensão “real” do acontecimento. O cotexto e o contexto em que os enunciados foram produzidos, a prévia leitura do material pelos leitores do jornal, a não criação de dados a ser colocados a circular em outro tempo e em outro espaço e, sobretudo, a voz a quem de fato participou da elaboração do material e a clara fronteira de onde entram elementos do editorial e elementos do próprio livro. Por seu turno, o enunciador jornalista se constitui num aforizador que se sobrepõe tanto ao seu leitor quanto ao outro cuja fala recorta, mostrando uma imagem de si, do jornal, bem como um posicionamento. Algo da ordem de um sujeito autorizado a realizar o trabalho de destaque da fala do outro. Trabalho esse que é realizado sob a validação da instituição midiática, no caso, JN, que estabelece valores para além das interações e das argumentações. Trata-se de um trabalho de direcionamento de sentidos, de constituição de subjetividades em que, sem que se dê conta, o leitor é levado a aderir à interpretação do enunciador jornalista e, por extensão, ao posicionamento do veículo midiático no qual esse jornalista está inscrito.

### **Citação, destacabilidade e aforização para além do verbal?**

A análise do exemplo anteriormente arrolado deixa claro que a proposta de Dominique Maingueneau é bastante pertinente para o tratamento discursivo de destaque de pequenos enunciados verbais, sobretudo os destaques realizados pelos mais diversos suportes midiáticos. Todavia, seria possível expandir epistemologicamente tal proposta com o objetivo de tratar de objetos multimodais? Tomemos como exemplo duas fotografias publicadas pelo jornal Folha de S. Paulo, em 12 de outubro de 2010. As duas fotografias referem-se ao mesmo acontecimento, visita da então candidata a presidente Dilma Rousseff à Basílica de Aparecida, em Aparecida do Norte, estado de São Paulo, no dia 12 de outubro de 2010, feriado religioso em que se comemora o dia da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida.



Figura 7: Fotografias veiculadas pela Folha de S. Paulo no dia de Nossa Senhora de Aparecida, durante a celebração em

A primeira fotografia foi publicada como manchete de capa da edição do dia 12 de outubro de 2010 do jornal Folha de S. Paulo. Logo abaixo da fotografia está escrito: “SEM COMUNHÃO” Dilma assiste a missa em Aparecida (SP) ao lado de Gabriel Chalita (PSB atualmente PMDB), ela não comungou e deu a entender que a doença a reaproximou de Deus”. Já a segunda foi publicada no mesmo dia na página A 34. Ambas focalizam a então candidata a presidente pelo Partido dos Trabalhadores – PT – Dilma Rousseff. Essa focalização, no entanto, é realizada em dois momentos distintos. Num primeiro momento, na fotografia um, aparecem as pessoas que estão ao lado de Dilma fazendo o sinal da cruz e esta não repetindo o mesmo gesto dos outros. No segundo momento, na fotografia dois, mostra-se justamente o contrário, ou seja, Dilma fazendo o sinal da cruz e as pessoas que estão ao seu lado não repetindo tal gesto. Esse descompasso no tocante à realização do sinal da cruz pela então candidata evidencia o seu descompasso no que tange à sua inscrição no catolicismo, deixando explícito que ela não conhece a liturgia da missa. Ou, mais discursivamente falando, traz à tona uma memória discursiva que foi sendo gestada ao longo da campanha presidencial de 2010, que significa(ou) Dilma como adepta do ateísmo. Tal memória começou a ser gestada quando da manifestação da petista acerca da questão do aborto. À época, disse Dilma em entrevista: “Um governo não tem de ser contra ou a favor do aborto; ele tem de ser a favor de uma política pública”. A maneira como esse enunciado foi dado a ler pela mídia gerou a constituição de uma memória sobre o ateísmo de Dilma. Ateísmo esse que é reiterado no destaque efetuado pelo enunciador jor-



nalista ao flagrar a então candidata, errando ao fazer o sinal da cruz na missa em homenagem a Nossa Senhora Aparecida.

Tais fotografias, embora produzidas em momentos diferentes, deixam evidente o trabalho de aforização do enunciador jornalista, isto é, ele flagra/destaca por meio de suas lentes, inscritas na Formação Discursiva do jornal, o momento mesmo em que o interdiscurso, o já-dito, o alhures do ateísmo de Dilma se inscreve no intradiscorso cristão. Esse alhures do ateísmo de Dilma Rousseff é reiterado no enunciado verbal logo abaixo da fotografia um: “SEM COMUNHÃO” Dilma assiste a missa em Aparecida (SP) ao lado de Gabriel Chalita (PSB), ela não comungou e deu a entender que a doença a reaproximou de Deus”. No enunciado em questão, a ênfase interdiscursiva é dada primeiro pelo destaque conferido ao sintagma “Sem comunhão”, grafado em caixa alta e em cor azul, distinta do restante do enunciado e, segundo, pela escolha lexical da locução verbal “deu a entender” e pelo vocábulo “reaproximou”.

Ademais, esse destaque tem seus efeitos potencializados, visto que mostra o ateísmo de uma candidata a presidente de uma república majoritariamente católica, no santuário e dia destinado à sua padroeira. Da mesma forma que a (re)produção da fotografia do jornal israelense, O Tempo, em que Hilary Clinton e Audrey Tomasen são retiradas da história, nas fotografias da Folha de S. Paulo não temos um caso de interincompreensão regrada, isto é, um discurso segundo construído a partir do simulacro do discurso primeiro. Em ambos os casos temos uma compreensão regrada pelas restrições semânticas de uma Formação Discursiva. A diferença entre esses dois casos reside no fato de que, enquanto na (re)produção da fotografia do jornal israelense temos em relação ao texto fonte – fotografia do site do jornal americano The Atlantic – discursos produzidos a partir de interdiscursos bastante distintos, o que implica a construção de acontecimentos discursivos também distintos, no caso das fotografias da Folha de S. Paulo, temos um mesmo interdiscurso sustentando as diferentes fotografias, o que implica a reiteração de um mesmo acontecimento discursivo.

## **(In)conclusões preliminares**

Nosso objetivo neste texto foi o de deslocar epistemologicamente as categorias de citação, destacabilidade e aforização, propostas por Dominique Maingueneau, para dar conta de pequenos enunciados verbais, com o intuito de tratar discursivamente de objetos multissemióticos, sobretudo os de natureza imagética. Entendemos que as análises empreendidas, embora pouco numerosas, autorizam tal deslocamento teórico, visto



que, assim como o trabalho de aforização realizado pelo enunciador jornalista do JN, mostrado no caso da análise do livro didático de Língua Portuguesa *Por uma vida Melhor*, (re)construiu um percurso interpretativo dominante para os telespectadores, a saber, que “o livro didático ensina a falar errado a língua portuguesa”, o destaque do descompasso de Dilma Rousseff em relação à realização do sinal da cruz, também (re)construiu um percurso de leitura para os leitores do jornal, a saber, que “Dilma Rousseff é adepta ao ateísmo”. Tanto num caso quanto em outro, asseveramos que se trata de aforizações, visto que a verdade que enunciam, independentemente de se referirem a um único indivíduo ou a uma coletividade, é dada em caráter sumário, dogmático, como uma evidência mesmo, cujo alhures é uma Fonte Transcendente.

Creemos que nos dois casos, as aforizações realizadas pelos jornalistas, a partir das restrições semânticas das Formações Discursivas nas quais estão inscritos, se constituem num percurso interpretativo deôntico. Ou seja, no momento em que o JN destaca seis enunciados do Livro Didático, silenciando todo o restante do texto e, também no momento em que a Folha de S. Paulo destaca o descompasso de Dilma Rousseff em relação à realização do sinal da cruz, silenciando todos os outros gestos realizados pela então candidata durante a missa na Basílica de Aparecida, o leitor é interpelado a atribuir a esses gestos interpretativos um sentido que extrapola o seu sentido primeiro e aderir a esse percurso em alguma medida. A interpretação assume a equação: “Dizendo X, o locutor implica Y”, onde Y se constitui num enunciado genérico de valor deôntico. No caso da primeira aforização, “trata-se de um livro didático que ensina a falar errado o português” e, no caso da segunda, “trata-se de uma candidata adepta ao ateísmo”.

As possíveis interpretações produzidas pelos leitores não são da mesma ordem e profundidade das que acompanham os textos literários, filosóficos ou religiosos, por exemplo. No entanto, trata-se de uma verdadeira “atitude hermenêutica”, em que a exegese atual faz com que os leitores percorram um conjunto de trilhas interpretativas dadas previamente pelo enunciador jornalista. Ou seja, os leitores são mobilizados a interpretar o destaque, procurando (re)construir o percurso interpretativo desenhado pelo jornalista.



## Referências

COURTINE, J.J. **O discurso inatingível**: marxismo e linguística (1965 – 1985). Trad. Heloisa Monteiro Rosário. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n. 6, 1999.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Trad. de Sírio Possenti. Curitiba : Criar Edições, 2005.

\_\_\_\_\_. Les énoncés détachés dans la presse écrite. De la surassertion à l'aphorisation. In: BONHOMME, M. ; LUGRIN, G. (Éds.). **Interdiscours et intertextualité dans les médias**. Travaux Neuchâtelois de Linguistique, n. 44, septembre 2006.

\_\_\_\_\_. Citação e destacabilidade. In: MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva (Org.). Curitiba: Criar Edições, 2007.

\_\_\_\_\_. Aforização: enunciados sem texto? In: MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Aphorisations politiques, médias et circulation des énoncés**. 2010b. (no prelo para publicação).

HELSLOOT, N. et HAK Tony. La contribution de Michel Pêcheux à l'analyse de discours, **Langage et société**, 2000/1 n° 91

PÊCHEUX, M. Ueber die Rolle des Gedächtnisses als interdiskursives Material, **Das Argument Sonderband** 95, 1983.

Recebido em 30/08/11.

Aceito em 12/11/11.

**\*Roberto Leiser Baronas** é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Carlos, e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - nível 2. — baronas@ufscar.br

**\*Samuel Ponsoni** é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística - UFSCar. É bolsista da Fapesp. — sponsoni@yahoo.com